

## DESINTERESSE PELA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA IDENTIFICADO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

Iranir Pontes (1); Aluska Macedo (2)

1 Universidade Federal de Campina Grande, iranir-bsr@live.com

2 Universidade Federal de Campina Grande, aluskamacedo@hotmail.com

### Introdução

O Estágio Supervisionado é uma atividade que proporciona aos alunos das licenciaturas diversas experiências, como ter contato com o público que irá trabalhar (alunos da educação básica), iniciar o trabalho docente, se inserir no mercado de trabalho, bem como vivenciar um pouco da realidade, das limitações e dificuldades a serem encontradas na futura área de atuação.

Neste sentido, será exposto um relato de experiência desenvolvido no Estágio Supervisionado III, por uma acadêmica de um curso de Licenciatura em Matemática, realizado numa escola da rede pública estadual da Paraíba. Tal relato foi motivado pelo desinteresse dos alunos pelas aulas de matemática, constatado pela estagiária na turma acompanhada.

Desta forma, o presente trabalho buscará responder questões como: Quais as possíveis causas desse desinteresse? Uma nova metodologia como o uso de problemas contextualizados com foco no dia a dia dos alunos amenizaria esse desinteresse? Com base em uma breve revisão bibliográfica, considerando a opinião dos autores a respeito do fato em questão, ou seja, do desinteresse pela aprendizagem matemática apresentado pelos alunos.

Alguns referenciais teóricos apontam o ensino contextualizado como uma possibilidade de despertar o interesse dos alunos pela matemática.

De acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A matemática está presente na vida de todas as pessoas, em situações que é preciso, por exemplo, quantificar, calcular, localizar um objeto no espaço, ler gráficos, ler mapas, fazer previsões. Mostram que é necessário superar a aprendizagem centrada em procedimentos mecânicos, indicando a resolução de problemas como ponto de partida da atividade matemática a ser desenvolvida em sala de aula (BRASIL, 1998, p. 59).

Nesse sentido os PCN apontam para a necessidade de uma relação entre os conteúdos apresentados pelo professor e o dia a dia dos alunos, o que irá tornar as aulas mais atrativas e proveitosas, despertando desde então um possível interesse dos mesmos pela aprendizagem matemática.

Mas, apesar de a busca do professor por novas estratégias ser indispensável no processo de ensino, percebe-se que isto não ocorre nas salas de aula com frequência, pois o uso de problemas que envolvam o cotidiano dos alunos é praticamente raro nas aulas.

Um exemplo disso pode ser observado com relação ao estudo de Funções, pois mesmo desempenhando um papel fundamental para descrever, interpretar e construir gráficos que estudam diversos comportamentos de alguns fenômenos do nosso cotidiano nas várias áreas do conhecimento, não é abordado neste contexto, e sim de forma “pronta”, sem espaço para construção do aprendizado do aluno.

Desta forma deve-se atentar para o fato de que o ensino da matemática não pode desconsiderar o conhecimento que os alunos adquirem e praticam fora do ambiente escolar, cabendo ao professor se renovar metodologicamente e utilizar problemas do cotidiano dos alunos como forma de atraí-los, proporcionando-os um aprendizado mais interativo e proveitoso.

Conforme D' Ambrósio (2001):

“Contextualizar a Matemática é essencial para todos. Afinal, como deixar de relacionar os Elementos de Euclides com o panorama cultural da Grécia Antiga? Ou a adoção da numeração indo-arábica na Europa como florescimento do mercantilismo nos séculos XIV e XV? E não se pode entender Newton descontextualizado. (...) Alguns dirão que a contextualização não é importante, que o importante é reconhecer a Matemática como a manifestação mais nobre do pensamento e da inteligência humana... e assim justificam sua importância nos currículos” (D'AMBROSIO, 2001).

Nesta perspectiva, considerar o conhecimento prévio dos alunos para a execução de problemas contextualizados no ensino da matemática pode-se ser uma possível solução para atrair os alunos, já que esta disciplina está presente no cotidiano deles e que estes a utilizam de forma fácil e prática.

### **Metodologia**

Este relato descreve as experiências de uma graduanda vivenciadas no Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Campina Grande- Campus Cuité. O mesmo foi realizado em turmas do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio X, localizada no Município de Barra de Santa Rosa-PB.

O Estágio Supervisionado III se deu por meio da observação durante a primeira semana, com foco na organização, desempenho e interesse dos alunos, bem como a metodologia adotada pelo professor. Neste período pode-se constatar que a maioria dos alunos das turmas acompanhadas demonstrava desinteresse pelo aprendizado da matemática. Os mesmos permaneciam ociosos, sem nenhum envolvimento nas aulas.

Com relação ao período da regência, a mesma foi desenvolvida na turma do 1º Ano “B” do Ensino Médio, constituída por 30 alunos com faixa etária de 14 a 16 anos de idade. As aulas ministradas nesta turma tinham caráter expositivo, com auxílio do livro didático, nas quais foram apresentados conceitos, com exemplificações e resoluções de exercícios envolvendo problemas contextualizados, utilizados como uma ferramenta para despertar o interesse dos alunos pela aprendizagem matemática.

De início, foi trabalhado o conteúdo de Funções, especificamente o assunto Zero (ou raiz) de uma função por meio de problemas contextualizados como forma de fazer os alunos construírem o conhecimento do conteúdo sem a explicação pronta do mesmo. No decorrer da resolução dos problemas foram feitos alguns questionamentos que levaram os alunos a perceber o objetivo do conteúdo abordado, facilitando assim a resolução dos mesmos.

### **Resultados e discussão**

Na aula sobre “Zero (ou raiz) de uma função” os alunos mantinham-se atentos, e participavam da aula respondendo aos questionamentos. A utilização de problemas contextualizados motivou a curiosidade deles, porém ao término da leitura os alunos pareciam perdidos, demonstravam não compreender nada. As primeiras dúvidas foram quanto ao significado de algumas palavras presentes nos problemas como: superávit e déficit.

Após o esclarecimento de ambos os significados e a explicação formal do conteúdo, ou seja, o que significa o zero de uma função e de algumas indagações, os alunos começaram a dar opiniões de como responder, e quando estes perceberam que bastava resolver uma equação do segundo grau não demoraram a resolvê-la, mesmo se atrapalhando nos sinais participaram ativamente da aula tirando suas dúvidas e dando sugestões.

Nota-se assim, que mesmo com o uso de novas ferramentas metodológicas, os alunos sempre apresentam dificuldades, estas por sua vez podem ser resultado de um mau aprendizado nos anos passados e que vão sendo ignorados causando certos bloqueios na aprendizagem dos mesmos.

### **Conclusões**

Durante a realização do Estágio Supervisionado III foi possível perceber o desinteresse que os alunos demonstram pela aprendizagem matemática, já que estes estão acostumados com aulas mecânicas, onde só são apresentadas fórmulas e exercícios sem nenhum contexto de aplicação do cotidiano e ao se deparar com um novo método de ensino muitas vezes apresentam certo bloqueio, onde a dificuldade de racionar, interpretar e entender um conteúdo por meio de uma metodologia diferente seja um jogo, ou uma atividade contextualizada é notável e preocupante.

Mas apesar das dificuldades que surgem, o uso de novas metodologias no ensino da matemática é indispensável, uma vez que estas proporcionam aos alunos a oportunidade de construir um novo conhecimento de forma dinâmica e atrativa. Em particular, a utilização de problemas contextualizados despertou o interesse e curiosidade nos alunos, pois passaram a enxergar a utilidade e importância da matemática no dia a dia das pessoas, vendo assim sentido nos conteúdos abordados.

De certo modo, pode-se dizer que o uso de problemas contextualizados contribuiu para a melhoria do aprendizado dos alunos em relação ao conteúdo ministrado, visto que os mesmos puderam desenvolver uma melhor interpretação das questões, retirando os dados corretamente e tirando suas dúvidas sobre assuntos já vistos, isso foi possível perceber durante toda a realização da aula específica abordada.

Portanto o professor precisa estar atento e ser flexível quanto a sua metodologia de ensino e o aprendizado dos alunos, para que estes não se percam e sejam mais um na fila dos que só fazem decorar fórmulas e resolver exercícios de forma rápida e prática, e sim para que sejam capazes de construir e desenvolver seu próprio conhecimento.

**Palavras-Chave:** Estágio Supervisionado; Matemática; Regência; Desinteresse dos alunos.

### **Referências**

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Da realidade a ação:** reflexões sobre educação e matemática. São Paulo, sumus, Campinas: Ed. Da Universidade Federal de Campinas, 1986.

\_\_\_\_\_. **Educação Matemática:** da teoria à prática. Campinas, Papirus, 2001 (Coleção Perspectiva em Educação Matemática).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.